

É com satisfação que apresentamos o quinto número da *Anthropocénica-Revista de Estudos do Antropoceno e Ecocrítica*. Neste volume reunimos um conjunto de textos que exploram as complexas interações entre a humanidade e o ambiente natural, com perspectivas que atravessam a literatura, a filosofia, e a crítica social e cultural. No centro das reflexões está a necessidade de uma reavaliação profunda das condições que definem a vida contemporânea e as responsabilidades decorrentes da nossa presença coletiva num planeta drástica e dramaticamente afetado pela atividade humana. Em tempos de urgência climática e ambiental, a *Anthropocénica* procura continuar a ser um espaço para o diálogo crítico, reflexivo e criativo sobre o Antropoceno *qua* era de catástrofes, mas também de possibilidades, e de reconsideração das relações entre o ser humano e o planeta.

A estrutura deste número compreende quatro secções, sendo que a primeira é integrada por cinco artigos. O primeiro, “Beyond the Human: George Stewart’s Fiction”, de Maria do Carmo Mendes, oferece uma análise do romance distópico *Earth Abides (Só a Terra Permanece)*, de George Stewart, publicado em 1949. Nela examina a autora como a narrativa de cenário apocalíptico, levanta questões ecocríticas *avant la lettre*, antecipando os debates contemporâneos sobre as consequências das ações humanas no meio ambiente. Stewart, ao descrever a luta de um sobrevivente num mundo devastado, alerta para os efeitos desastrosos da exploração de recursos e das mudanças climáticas, abordando a interação entre literatura e ciência na exploração da crise ecológica, e antecipando inquietações que, já no século atual, mobilizam escritores por todo o mundo.

Num segundo artigo, “Torga, o ‘Geófago Insaciável’”, Isabel Ponce de Leão mergulha na obra do poeta, dramaturgo, ficcionista e ensaísta português Miguel Torga, salientando a sua profunda ligação com a Terra e o ecossistema. Inspirada pelo mito de Anteu, a autora descreve como Torga exprime um sentido telúrico, renovando-se através do contacto com a natureza e valorizando a preservação ambiental, e interpreta a obra do escritor de S. Martinho de Anta como um convite à reflexão sobre sustentabilidade e harmonia, alertando para a importância de respeitar a relação entre ser humano e natureza.

Já em “Language Epistemology and More than Human Ethics: Narratives on Chthulucenic Meaningful Encounters”, Gleiton Matheus Bonfante desafia as perspectivas antropocêntricas dominantes no estudo da linguagem e da comunicação. Este artigo convida a uma reavaliação da linguagem como uma dimensão interespecies, onde plantas e insetos possuem um papel significativo.

Bonfante propõe a “sympoiethics” (simpoiética), uma ética de cocriação entre espécies, e defende uma visão inclusiva de comunicação que reconhece e respeita a agência dos seres não humanos, sublinhando a importância de tais abordagens para uma coexistência mais equitativa.

No quarto texto, “Galiléisation de la Science à l'Ère de l'Anthropo/Capitalocène: l'IA Générative et la Précession du Modèle”, Adrien Mathy discute o impacto do desenvolvimento científico-tecnológico sob o capitalismo no contexto do Antropoceno e do Capitaloceno. O autor investiga o fenômeno da “galileização” das ciências – a tendência para uma dependência crescente de modelos matemáticos e automatizados – e como esta prática converge com uma lógica produtivista que esgota a capacidade da ciência de enfrentar a crise ecológica. Mathy analisa ainda o papel da IA generativa na aceleração científica, discutindo as suas consequências epistemológicas e éticas.

Por fim, João Ribeiro Mendes, no artigo “The Human Condition in the Anthropocene: four chakrabartian parallaxes”, aprofunda a questão da “condição humana” no Antropoceno, com base nas ideias do historiador indiano Dipesh Chakrabarty. Desenvolve o autor uma reflexão filosófica sobre o significado de “condição humana” no contexto das transformações ambientais globais e analisa como é que o Antropoceno reconfigura a nossa compreensão da agência humana, e da relação entre humanidade e planeta. Esta análise traz à luz novas perspectivas sobre os desafios existenciais e éticos que enfrentamos numa época de profunda crise ecológica.

Na segunda, nova, seção deste volume, que cria um espaço para a ficção, Orfeu Bertolami apresenta “O Holograma”, um ensaio especulativo que propõe a consciência como um holograma emergente de processos biofísicos, desafiando as distinções entre a mente humana e a inteligência artificial. Na sequência, João Ribeiro Mendes, em “Uma breve reflexão sobre a ficção especulativa ‘O Holograma’ de Orfeu Bertolami”, aprofunda as implicações filosóficas e éticas dessa narrativa, abordando a crítica ao antropocentrismo e reavaliando o papel da humanidade e da tecnologia na era do Antropoceno.

Recensões de duas obras marcantes no panorama recente dos estudos do Antropoceno, ambas da autoria de João Ribeiro Mendes, compõem a secção seguinte. A primeira, sobre o ensaio *One Planet, Many Worlds. The Climate Parallax*, de Dipesh Chakrabarty, destaca a tentativa do autor de traçar um panorama crítico das múltiplas desigualdades que definem o Antropoceno, sugerindo que o planeta Terra, uno na sua materialidade, é fragmentado em diferentes realidades e experiências humanas. A segunda versa sobre o livro de Bella Lack, *The Children of the Anthropocene*, que procura dar voz às histórias de jovens que enfrentam diretamente os desafios da crise climática, revelando uma perspectiva única sobre a resiliência e o ativismo das gerações mais novas.

Na última seção, apresenta-se a tradução do artigo de Yuk Hui, "Sobre Cosmotécnica: Para uma Nova Relação entre Tecnologia e Natureza no Antropoceno", realizada por João Ribeiro Mendes. Neste ensaio, o filósofo da tecnologia de Hong Kong investiga a intersecção entre natureza e tecnologia, promovendo um diálogo entre a antropologia da natureza e a filosofia da tecnologia, com especial destaque para o conceito de cosmotécnica.

Esta edição da *Anthropocenica* é um convite aos nossos leitores para se envolverem com as reflexões aqui reunidas, promovendo novas formas de pensar e agir para um futuro em que a relação entre o ser humano e a Terra possa ser concebida já não como hierarquia, mas como uma interdependência justa e sustentável. Que estas páginas inspirem novas práticas e um sentido de comunidade que vá para além do humano e em prol de um mundo mais ecojusto.

Agradecemos também aos revisores pelo tempo e esforço dedicados à revisão dos textos. Os seus comentários e sugestões valiosas foram essenciais para melhorar a qualidade de cada artigo e recensão crítica.

Os editores
Maria do Carmo Mendes e João Ribeiro Mendes